

## A GIRAR♦

Referência:

Vieira, M. A. A girar. *Latusa*. Rio e Janeiro, EBP-Rio, n. 17, 2012, pp. 31-35.



[Clique aqui para ampliar](#)

*Lá fora está chovendo, mas assim mesmo eu vou correndo só pra ver o meu amor...*

As canções de Jorge Ben Jor valem por tomar o corpo em seu balanço, bem mais do que por sua poesia. É o caso desta. Por isso peço ao leitor que vá ouvi-la no *youtube* antes de prosseguir, pois ela me servirá para responder à seguinte pergunta colocada pelas editoras de *Registros*: “Só pode um homem amar a partir de uma posição feminina?”.

A cena que nos é proposta não poderia ser mais clássica. Ele vai em direção a ela carregando consigo todo o enquadre de sua fantasia.

*Ela vem toda de branco, toda molhada e despenteada, que maravilha, que coisa linda que é o meu amor...*

Toda de branco, ela preenche todos os requisitos da mulher idealizada, por isso mesmo promete a completude e potência com que ele sempre sonhou. *Girl-phallus*, ela é para ele o falo, a mulher perfeita para o homem bem sucedido.<sup>1</sup> Interessa, sobretudo, o momento do encontro:

*Por entre bancários automóveis ruas e avenidas, milhões de buzinas tocando sem cessar, ela vem toda de branco meiga e muito tímida, com a chuva molhando seu corpo que eu vou abraçar...*

No instante do abraço tudo se embaça. A música acelera-se e os versos são vertiginosos.

*E a gente nomeiodaruanomeiodomundonomeiodachuva...*

Onde isso vai parar? Como temendo a entrega absoluta a um girar sem fim, que romperia o enquadre da fantasia, a canção propõe um contraponto entre “a girar” e “que maravilha”. Em lugar do rodopio vertiginoso a que quase se entregou nosso herói, uma alternância ritmada.

*A girar, que maravilha; a girar, que maravilha; a girar, que maravilha...*

Assim conclui-se a canção, eternizando-se em um *fade away* infinito que não é mais um girar ilimitado, mas sim um infinito de vai-e-vem, *fort-da*, disciplinado. O “que maravilha” mantém o mínimo daquele olhar fora do corpo, lugar do gozo fálico, que assistia ainda há pouco a chegada da deusa de branco. É o “a girar” que interessa, por figurar outro gozo, aproximado por Lacan do que tendem a experimentar as mulheres, por exemplo, a menina que se embala embalando sua boneca sem cessar, ou o rodopio de uma valsa interminável. É um gozo sem predicados e pré-condições. Vestido branco, buzinas, tudo de apaga num espaço sem princípio nem fim que só se interrompe com uma intervenção externa. Esse é o *nãotodo* de Lacan. Uma satisfação que não é maior nem menor do que a do olhar fálico, mas Outra. O *nãotodo* não é nem um humilde “nem-tudo”, incompleto, impotente, nem um “para além” do gozo fálico, no sentido de um gozo 2.0 (o que seria uma pura ontologia negativa do feminino); mas uma satisfação paradoxal, desintegral,

sem limites e sem totalização possível, mais próxima do abismo ou do sentimento oceânico de Freud.<sup>2</sup>

Isso posto, proponho que a canção figure um dos modos como um homem pode amar. É preciso um gozo a mais, em que o dono do olhar se perca a girar, caso contrário não haveria amor, apenas fetichismo voyeur. Então, respondo “sim” e “não” à pergunta das editoras. Um homem pode amar a partir de uma posição masculina de gozo, mas não sem um pé no feminino do *nãotodo*.



Esta seria a única maneira? Parafraseando Lacan: o gozo feminino, para um homem, só pode sair do poço a meio-corpo?

Parênteses: nunca é demais lembrar que estamos falando de posições e modos de gozo assumidos em relativa independência com relação à anatomia. Um homem pode claramente viver este Outro gozo e ter com relação a ele a mesma experiência feminina das analistas de que fala Lacan em *Encore*: vivê-lo, mas sem nada poder, dele, dizer. É o que canta Caetano invertendo as posições entre ele e sua mulher em *Noite de hotel*.

*Noite de hotel, ódio a Graham Bell e à telefonia. Chamada transatlântica, não sei o que dizer a esta mulher, potente e iluminada, que sabe me explicar perfeitamente e não entende... e não entende nada.*

Reformulo, então, a pergunta: é possível viver uma paixão a partir do falo e da fantasia, mas que não seja por eles exclusivamente determinada? O que seria amar deste lugar sem lugar? E, finalmente, seria isso ainda amor e não puro abismo? Uma das possíveis respostas passa, a meu ver, por lembrar como é característico da posição masculina desconhecer o quanto seu gozo é marcado por alguém lhe ter tomado como objeto, nem que seja de seu olhar ou voz. Ocultar a incidência dessa atenção “particularizada” do Outro e seus cuidados, mais ou menos carinhosos ou terríveis, sob o nevoeiro do universal é próprio da manobra fálica.<sup>3</sup> Este aspecto do aforismo “o desejo do homem é o desejo do Outro”, de que Freud chegou a se aproximar com seu masoquismo erógeno, tende a ser ofuscado pelo brilho de uma relação privilegiada com a mãe, por exemplo, ou recalcado como homossexualidade temida, ou ainda oculto por um mundo de generalizações obsessivas. Percorrer a história dessa presença do Outro em uma vida é o primeiro passo, em uma análise, para tirar seu desejo do anonimato. Muito mais acontece nesse sentido, mas podemos assumir que, apesar do falo (o desejo de um Pai violento, por exemplo) prosseguir sendo o chumbo na malha desta rede, será desvelado na transferência não apenas seu lado cômico, mas igualmente seu *nonsense*. O rei se mostra nu quando a incidência de sua nobreza e tirania é retomada em toda sua contingência. Se é verdade - e creio poder encontrar a demonstração disso, que foi minha experiência, em mais de um testemunho de passe - importa assinalar como essa operação torna possível, ao menos um tanto, amar outro corpo *em si*. Estar com alguém e não apenas com seu vestido branco.



São as marcas deixadas pelo Outro que constituem os pontos de enganche da pulsão em nosso corpo e lhe dão vida. O engano masculino é supor que elas devam se hierarquizar em torno de uma chave de leitura única. Ora, mesmo em sua

multiplicidade disparatada elas balizam os possíveis e os impossíveis do gozo. Abrir-se a este traçado do gozo em nós corresponde a encontrar, na paciência do tempo de uma análise que gira sobre si mesma sem cair no abismo, a possibilidade de um novo amor, mais afeito ao acaso que à agenda. Uma de suas formas talvez seja esta. É o amor, segundo a bela definição de C. Millot<sup>4</sup>, como gosto profundo de outro corpo, incluindo-se nisso o assentimento sem limites com sua essência particular, pela qual ele se torna único e vem concentrar, aqui e ali, o esplendor do ser. Dessa forma, com um pouco de sorte, pode calar-se a roda-viva das canções no riso oceânico do instante de um encontro.

**Marcus André Vieira, dezembro de 2011.**

---

♦ Redigido a partir de convite de Debora Rabinovich e Gabriela Grinbaum a quem agradeço.

<sup>1</sup> Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 572 (566 no original).

<sup>2</sup> Cf., por exemplo, Miller, J. A. “Uma repartición sexual”, *El partenaire-síntoma*, Buenos Aires, Paidós, 2008, pp. 303-310 (sobre a brincadeira de boneca, cf. Vieira, M. A. *Restos*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, p. 102).

<sup>3</sup> Lacan, J., “Nota sobre a criança”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003.

<sup>4</sup> Millot, C. *O Solitude*, Paris, Gallimard, 2011, p. 60.

17

SUBLIMAÇÃO O CORPO QUE CAI

ISSN 1415-6830

CONSELHO EDITORIAL  
Clória Maron  
Romildo do Rêgo Barros  
Angela Negrinhos  
Elana Benites  
Cristina Duba  
Maria Ângela Mársico Maia

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO  
Maria Inês Lamy  
Adriano Aguiar  
Isabel Collier do Rêgo Barros  
Rodrigo Lyra  
Ana Tereza Groisman  
Cristina Bezerril

O conteúdo dos artigos é  
de exclusiva responsabilidade  
dos autores

[www.latusa.com.br](http://www.latusa.com.br)

EDITOR  
Ana Lucia Lutterbach Holck

SECRETARIA DE EDIÇÃO  
Cristina Duba

REVISÃO  
Luciana Lobato

VERSÃO FINAL  
Ana Lucia Lutterbach Holck  
Rodrigo Lyra

CAPA  
Paula Delecape

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA  
Contra Capa

INDEXAÇÃO  
Lilacs/Bireme

**Latusa**

v. 1, n. 1 (nov 1997) – Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise  
Seção Rio, nº 17, outubro de 2012.

**Anual**

ISSN: 1415-6830

Psicanálise – Periódicos 2, Clínica

L: Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro

CDU: CDU: 150 (815.3)

CDD: CDD: 150.195

Latusa<sup>11</sup>

Todos os direitos reservados a:  
**Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro**  
Rua Capistrano de Abreu, 14 – Botafogo  
CEP 22271-000 – Rio de Janeiro – Brasil  
Tel / Fax (55 21) 2539.0960  
<[ebprio@ebprio.com.br](mailto:ebprio@ebprio.com.br)>

**SUMÁRIO**

- 9 Editorial  
CRISTINA DUBA
- ARTIGOS**
- 25 Criação e sublimação  
ROMILDO DO RÉGO BARROS
- 23 Uma sublimação posta em risco pela psicanálise  
MARIE-HELENE BROUSSE
- 31 A girar  
MARCUS ANDRÉ VIEIRA
- 35 *Vértigo*, um circuito melancólico  
SONIA CHIRIACO
- 43 Melancolia e sublimação – um corpo que cai  
HELOISA CALDAS
- 51 Sublimação não sem o corpo  
ANA LUCIA LUTTERBACH HOLCK
- 59 Sublimação e posição feminina  
LÉDA GUMARÃES
- 65 Por que a criança brinca?  
MARIA INÊS LAMY
- 71 *Katow*: corpo, "sublimação" e mal-estar na psicose  
CARLOS ALBERTO RIBEIRO COSTA  
ANA BEATRIZ FREIRE
- 81 Tangenciando Clarice  
ANA TEREZA GROISMAN